

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Dia do Trabalho é marcado por 400 presos na Turquia

Houve protestos ainda nas Filipinas, Coreia do Sul, Sri Lanka e Indonésia

/ TURQUIA

As comemorações do Dia do Trabalho pelo mundo tiveram protestos em vários países, sendo que mais de 400 pessoas foram presas em Istambul nesta quinta-feira.

De acordo com uma associação de advogados, parte da cidade turca ficou paralisada para impedir qualquer concentração na emblemática praça Taksim. “O número de detenções que chegou até nossa célula de crise supera 400”, afirmou a seção de Istambul da CHD (Associação de Advogados Progressistas) em post no X (antigo Twitter). As autoridades não confirmaram os dados divulgados pela associação.

Jornalistas da agência de notícias AFP testemunharam várias dezenas de prisões nos bairros de Besiktas e Mecidiyekoy, na margem europeia da cidade, onde a polícia bloqueava as vias de acesso à praça Taksim.

Com raras exceções, as concentrações estão proibidas nesta ampla região - cenário no passado



Parte de Istambul ficou paralisada para impedir mais paralisações

de grandes lutas pela democracia desde que as manifestações iniciadas no próximo parque Gezi abalaram o governo em 2013.

Como em anos anteriores, a polícia havia fechado o acesso à praça há vários dias. Milhares de pessoas foram autorizadas a se reunir ontem em dois bairros da margem asiática da cidade, convocadas por sindicatos, segundo imagens de meios de comunicação turcos e um cinegrafista

da AFP.

Além da Turquia, houve confusão também nas Filipinas com participantes de atos entrando em confronto com policiais em Manila. Não há informação se houve pessoas presas.

Na Ásia, houveram protestos ainda na Coreia do Sul, Bangladesh, Sri Lanka, Indonésia e Camboja. Já na Europa, ocorreram atos na França, Itália, Grécia, Sérvia, Croácia e Bélgica.

EUA e Ucrânia fazem acordo para exploração de minerais

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Os Estados Unidos e a Ucrânia anunciaram a assinatura de um acordo que cria um fundo de investimento destinado à reconstrução e recuperação econômica do país invadido pela Rússia a ser financiado pela exploração de recursos minerais ucranianos.

O anúncio acontece após meses de negociações tensas entre os dois lados e em meio a dúvidas plantadas pelo presidente Donald Trump sobre a continuidade do apoio americano à Ucrânia na sua guerra contra a Rússia. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, e a ministra do Desenvolvimento Econômico e Comércio da Ucrânia, Iulia Sviridenko, que visita Washington, finalizaram o tratado.

Os detalhes ainda são escassos, mas relatos da imprensa americana dão a entender que o governo Trump não conseguiu um acordo que desse aos EUA acesso irrestrito às riquezas naturais da Ucrânia e à sua infraestrutura pe-

troleira e de gás.

Um rascunho do tratado ao qual a agência de notícias Reuters teve acesso diz que Washington terá, no futuro, “acesso preferencial” a quaisquer novos acordos para exploração de minérios na Ucrânia, sem fazer menção a direcionamento imediato de lucros aos EUA, como queriam os americanos.

Ainda assim, a longo prazo, o acordo deve ser lucrativo para as empresas americanas que terão preferência na exploração mineral da Ucrânia, além de aprofundar uma relação econômica que, na visão de Kiev, significa que Trump estará menos disposto a abandonar o país no futuro.

De qualquer modo, o acordo assinado é uma versão diluída daquele que Washington buscava e que deveria servir, na visão de Trump, como uma forma da Ucrânia de devolver o dinheiro gasto pelos EUA com o auxílio militar na guerra contra a Rússia. O presidente falou diversas vezes em um acordo que permitiria aos EUA

“começar a perfurar” onde desajassem e garantiria “segurança ao dinheiro [americano]”. O fundo criado pelo acordo receberá 50% de todos os lucros obtidos com novos empreendimentos minerais na Ucrânia.

Após a assinatura, o primeiro-ministro ucraniano Denis Shmigal disse que Kiev controlará metade do fundo, enquanto os EUA controlarão a outra metade e os recursos serão destinados integralmente a projetos dentro da Ucrânia. “Nosso país manterá total controle de seus recursos naturais, subterrâneos e infraestrutura”, afirmou.

A ministra Iulia Sviridenko confirmou essa informação em um post nas suas redes sociais e acrescentou que o acordo tinha o objetivo de atrair investimentos ao seu país. “Recursos minerais no nosso território pertencem à Ucrânia, e é o Estado ucraniano que decide onde e quanto será extraído”, afirmou, em uma aparente contradição ao objetivo declarado de Trump de controlar os minerais do país.

Com tarifas mais altas, China registra queda nas exportações

/ RELAÇÕES COMERCIAIS

Tarifas mais altas sobre importações de produtos chineses pelos Estados Unidos estão prejudicando a segunda maior economia do mundo, à medida que os pedidos despencam, segundo levantamentos mensais com empresas chinesas divulgados na quarta-feira.

Pesquisa oficial da Federação Chinesa de Logística e Compras mostra que os pedidos de exportação desaceleraram fortemente em abril, com Pequim e Washington em um impasse após o presidente dos EUA, Donald Trump, ordenar tarifas combinadas de até 145% sobre produtos chineses.

A China impôs tarifas de até 125% sobre produtos dos EUA, com algumas isenções. Também ordenou outras formas de retaliação, como restrições mais rígidas às exportações de minerais estrategicamente importantes usados em produtos de alta tecnologia, como veículos elétricos.

Empresas americanas estão cancelando pedidos à China e adiando planos de expansão enquanto observam o desenrolar da situação.

O Índice de Gerentes de Compras da Indústria (PMI) chinês caiu para 49 em abril, o menor nível em 16 meses, vindo de 50,5 em março. Na escala do índice, 50 marca a linha divisória entre expansão e contração.

“A forte queda nos índices provavelmente exagera o impacto das tarifas devido aos efeitos do sentimento negativo, mas ainda assim sugere que a economia da China está sob pressão com o enfraquecimento da demanda externa”, disse Zichun Huang, da Capital Economics, em relatório.

Grandes fabricantes provavelmente serão mais afetados do que os menores, que são mais intensivos em mão de obra, já que a China ainda mantém uma vantagem de custos para esses produtos, afirmaram economistas da ANZ Research. “O custo da manufatura da China para indústrias leves pode ser um quinto do dos EUA, o que dificilmente mudará”, disseram eles em um relatório.

O conselheiro econômico da Casa Branca, Kevin Hassett, sinalizou novamente a possibilidade de que os EUA anunciem um acordo comercial com o país em breve.

Presidente interino da Coreia do Sul renuncia e sinaliza candidatura

/ COREIA DO SUL

O presidente interino da Coreia do Sul, Han Duck-soo (sem partido), renunciou ao cargo ontem, sinalizando que deve se candidatar à eleição que vai definir o novo líder do país, no início de junho. O anúncio foi feito após uma decisão da Suprema Corte que pode colocar em risco a candidatura de Lee Jae-myung, o candidato de oposição, o qual estava à frente nas pesquisas.

Han fez um discurso no Complexo Governamental de Seul. “Estou renunciando à minha posição como presidente interino e primeiro-ministro. Decidi renunciar ao meu cargo para fazer o que posso e o que tenho que fazer para superar a crise que estamos enfrentando”, disse, em uma fala de seis minutos, de acordo com o jornal sul-coreano Kyunghyang Shinmun.

Embora não tenha citado diretamente a eleição presidencial, ele falou em “assumir uma responsabilidade maior”. “Há dois caminhos à minha frente: um é cumprir a importante responsabilidade que me foi confiada agora,

e o outro é deixar de lado essa responsabilidade e assumir uma responsabilidade maior”. As eleições presidenciais na Coreia do Sul estão marcadas para 3 de junho. O pleito, que, pelo cronograma normal, deveria acontecer em 2027, foi antecipado devido à crise que derrubou o presidente anterior, Yoon Suk Yeol.

A Suprema Corte sul-coreana anulou nesta quinta uma decisão que inocentava Lee Jae-myung, do Partido Democrata, de uma acusação de violar a lei eleitoral. Lee é atualmente o favorito para o pleito de acordo, com as pesquisas eleitorais. Com a anulação, a elegibilidade de Lee é incerta.

Han é conservador, e fazia parte do governo de Yoon Suk-yeol. Apesar de atualmente ser independente, ele tem laços com o Partido do Poder Popular, de direita. Han e o líder do partido, Han Dong-hoon, chegaram a apresentar um plano para compartilhar temporariamente a Presidência, em dezembro passado, após a saída de Yoon, mas a proposta recebeu críticas e foi considerada inconstitucional.